

-6 FEV 1997

É agora ou nunca

JORNAL DE BRASÍLIA

CARLOS MONFORTE

FHC

Jornalista

Uma música romântica, que fez muito sucesso lá pelos anos 50 ou 60, foi "it's now or never" - é agora ou nunca. Na voz de Elvis Presley, ganhou um encanto fora do comum. Essa música deveria ser, hoje, a trilha musical do governo Fernando Henrique, daqui para frente. É que, se o governo tem mesmo a intenção de fazer tudo aquilo que vem pregando, esta é a hora.

E não é pra menos. Com todo o sucesso político que conseguiu dentro do Congresso, hoje o presidente é muito mais importante para os partidos do que o contrário. Quem conseguiu aprovar uma emenda que possibilita a apresentação de nova candidatura nas próximas eleições, matéria política de

alta dosagem de nitroglicerina, pode conseguir todo o resto.

E qual é o resto? O resto simplesmente são todas as promessas de campanha, que não foram realizadas, como as reformas da Constituição e a própria reforma política.

É a hora adequada para começar a mudar o Brasil, justamente quando os partidos não podem mais fazê-lo refém de nada. Quem tem os índices de aprovação que FHC tem, com economia estabilizada e sem alvoroço, vira ídolo de político, atraído para o lado que lhe dá mais votos.

Seguramente, este está sendo o ponto alto de seu governo. Ele comanda, ele desmanda, ele conduz e dita as regras políticas que devem ser jogadas. Se nada acontecer de desastroso até 98, sua reeleição é inevitável, para dizer o mais óbvio. Além disso, não há ninguém com carisma, cacife ou pro-

grama que lhe faça sombra. Todos os que estão por aí são cartas marcadas, algumas até fora do baralho.

E aqui é preciso louvar também a articulação política que foi montada para tanto sucesso. Claro que não deve ser esquecido o trabalho

dos líderes no Congresso e do presidente da Câmara, Luís Eduardo. Mas o grande articulador foi mesmo o presidente da República, aliás como acontece sempre no presidencialismo, que normalmente centraliza essas ações.

O presidente conversou, telefonou, gastou saliva e charme com seus interlocutores, sempre encantados pela simpatia do presidente que, como ninguém, sabe adoçar a boca até de seus mais ardorosos opositores. Até gente de oposição, na coxia, elogiava a competência de Fernando Henrique, que não apenas soube ganhar, mas parece que também quer continuar tirando frutos da vitória. A convocação do ministro da Previdên-

cia ao Palácio, um dia após a vitória, para pedir pressa para a reforma previdenciária, também faz parte da estratégia e marcou mais um ponto no show político.

Então, esta é a hora. É a hora de colocar a Previdência nos trilhos,

dando a ela a cara que dev ter e não o arremedo que saiu da Câmara; é hora de fazer a Reforma da Administração, ou do Estado, dando a ele o tamanho que precisa, colocando os funcionários no caminho certo, e ao governo o tanto de participação que deve ter na economia; é hora de fazer a Reforma Tributária, que já começou com a desoneração das exportações, mas que precisa crescer e atingir pontos incômodos, que mexem com a economia dos Estados.

E precisa, mais do que nunca, fazer a reforma política, talvez a mais sensível, porque toca na vida daqueles que fazem as leis, deputados, senadores e políticos em geral. A reação vai ser grande, a base vai ficar dividida.

Mas FHC precisa disso e muito mais, porque essa é a hora crucial de seu governo e o momento que pode marcar sua gestão, sua vida política para sempre. Ou nunca será lembrado como o estadista que quer ser.

ponto alto do
atual governo
é que o presidente
comanda, desmanda
e dita as regras
políticas que devem
ser jogadas

